

Editorial Dossiê “Práticas sonoro-musicais: raças, gêneros e conexões comunicacionais”

Cíntia Sanmartin Fernandes

Jeder Janotti Jr

Nadja Vladi

Tobias Queiroz

A segunda década do século XXI trouxe uma série de desafios para as pesquisas do campo da comunicação e da música. Se entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000 tivemos que dar conta das práticas musicais em uma nova ambientação comunicacional promovida pela internet, pelas redes sociais e pelas plataformas de *streaming* que impactam em produção, circulação e consumo de música, o momento atual nos apresenta novas questões relacionadas à performance de raça/etnia, gênero, pós-gênero e interseccionalidades. Nossos desafios como pesquisadoras e pesquisadores de música e comunicação estão na busca de reflexões que articulem práticas sonoras e musicais contemporâneas a partir de gestos, imagens e músicas materializadas e territorializadas em práticas culturais dissidentes não enquadradas nos discursos normativos e regulatórios.

No Dossiê “Práticas sonoro-musicais: raças, gêneros e conexões comunicacionais” procuramos refletir sobre fenômenos culturais de diferentes grupos de mulheres, negros/as, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e *queers* que assumem parte do protagonismo sócio, político e cultural e que acionam performances enunciando outras formas de habitar e existir, e outras éticas e estéticas. Com as contribuições de estudos africanos, afro-diaspóricos e pelo recente potencial insurgente nas ciências humanas das epistemologias decoloniais e pós-coloniais, esse Dossiê se debruça sobre linhagens teóricas que possam questionar teorias universalizantes comumente localizadas no Norte Global. Consideramos importante repensar a amplificação nas epistemologias dos estudos de comunicação e de música no Brasil buscando a emergência desses corpos-políticos, bem como, de suas interseccionalidades, somadas às questões de gênero, classe e territorialidades. Com este propósito, o Dossiê avança nas discussões que dialogam com as performances e as transculturalidades, com as

relações entre raça e tecnologia, e sobre plataformização e a cultura da conectividade, a partir do Sul Global.

Para este debate, reunimos pesquisadores e pesquisadoras interessados nas múltiplas práticas sonoro-musicais, agrupando estudos ancorados em performance e perspectiva interseccionais que envolvem questões como gênero, pós-gênero, sexualidade, raça, classe, geração, territorialidades, corpo e corporeidade. Nosso propósito, também, foi apresentar produções de jovens pesquisadoras e pesquisadores que têm desempenhado um protagonismo nos estudos de comunicação e da música atentos e atentas aos debates que possibilitam pensar novas epistemologias e novos questionamentos para o campo.

O Dossiê “Práticas sonoro-musicais: raças, gêneros e conexões comunicacionais” apresenta investigações que vêm sendo desenvolvidas pela rede de pesquisadoras e pesquisadores a partir dos novos desafios da pesquisa em comunicação e música. É nessa perspectiva que apresentamos o trabalho *Senta a bunda: performance, gestosfera e branquitude na análise de videoclipes*, de Henrique Tenório e Thiago Soares que debate como a branquitude aciona disputas para moralizar o funk. O artigo *Rap de mensagem e conhecimento de oposição: a comunicação do 5E no Hip Hop e sua manifestação dentro do rap brasileiro*, escrito por Gabriel Gutierrez, traz um interessante exercício de pesquisa ao investigar a epistemologia ligada ao rap e suas potencialidades como produtor de conhecimento afro diaspórico.

O texto *Cantautoras negras: Uma retomada histórica da autoria musical em práticas comunitárias afro-diaspóricas e no contexto do surgimento da indústria fonográfica no Brasil*, de Helen Campos Barbosa, nos apresenta a historicidade da autoria artística de mulheres negras, em um olhar interseccional sobre o tema. “*Meu corpo é instrumento, eu vim pra te alimentar*”: *música pop afrodiaspórica em Trovão*, de Larissa Luz, assinado por Caroline Govari, Juliana Carolina Santos Silva e Thiago Pimentel, aponta a possibilidade de análise de práticas musicais sob a perspectiva dos conceitos de cruzo e da encruzilhada de Luiz Rufino (2019).

Já Marcelo Garson dá pistas acerca do debate sobre gênero e de que maneira a música incorpora ou resiste às noções sobre que é masculino e feminino no artigo *Música popular e relações de gênero: notas introdutórias*. Jeder Silveira Janotti Junior, Tobias Arruda Queiroz e Victor de Almeida Nobre Pires articulam os conceitos de gira poética e corporeidade musical para compreender entendimento de escuta conexa (JANOTTI JR, 2020), acionando elementos do corpo e da corporeidade para refletir sobre os processos de escuta no artigo *Um Corpo Resistente: a gira poética de Giovani Cidreira*.

Rafael Pinto Ferreira de Queiroz traz o texto *Epistemologias negras na Comunicação: por encruzilhadas que nos levem ritmicamente além* apresenta importantes contribuições para o campo da comunicação a partir de epistemologias negras propondo um olhar crítico e decolonial em relação a “neutralidade” acadêmica. E temos uma entrevista com a pesquisadora argentina Mercedes Liska que nos apresenta a etnografia ativista, uma metodologia que vem desenvolvendo para compreender como se dá a apropriação de determinadas práticas musicais em movimentos sociais, especificamente os ligados a as políticas de ativismo, gênero e diversidade sexual.

Esse Dossiê é parte do esforço da rede de comunicação e música que criou o GP Comunicação, Música e Entretenimento da Intercom em 2012 e, ao longo destes 10 anos, vem atuando de forma orgânica como um potente polo aglutinador e difusor de pesquisas que se localizam na interface da comunicação, música e entretenimento. Também agradecemos ao CNPq pelo apoio com o auxílio da Chamada MCTIC/CNPq N°28/2018. Esperamos com este dossiê que os estudos aqui reunidos possam colaborar com o fortalecimento e a consolidação das reflexões do campo da comunicação e música.